

## A Importância do Estágio de Vivência em Agricultura Familiar na Formação do Licenciando em Ciências Agrícolas

*The Importance of an Internship experience in Familiar Agriculture for the Formation in licentiate in Agricultural Sciences*

SOUZA, Gustavo. UFRPE, gsilvacs@hotmail.com; LIMA, Filipe. UFRPE, filipeaxlima@hotmail.com;  
MATTOS, Jorge. UFRPE, js-mattos@uol.com.br; TAVARES DE LIMA, Jorge. UFRPE,  
jtavares@ded.ufrpe.br.

### Resumo

O estágio de vivência tem papel fundamental na formação do licenciando em Ciências Agrícolas que é habilitado para desenvolver trabalhos com educação não formal, no âmbito da extensão rural. Neste trabalho, apresentam-se descritas informações e reflexões sobre o V Estágio de Vivência em Agricultura Familiar e Camponesa, resultado da parceria estabelecida em meados de 2008 na região nordeste do Brasil entre a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Centro Sabiá, Grupo Caatinga, Diaconia e Projeto Dom Helder Câmara (PDHC). A realização do estágio de vivência oportunizou aos estudantes a troca e a construção de conhecimentos primordiais a sua formação profissional. Pode-se afirmar, ainda, que a prática da vivência possibilitou a percepção *in loco* de que a superação do modo de produção convencional é possível.

**Palavras-chave:** Agroecologia, educação, formação profissional.

### Abstract

*The period of training of experience has a fundamental paper in the formation of in Agricultural Sciences. The licentiate degree qualifies the student to develop works with not formal education, as the agricultural extension. In this work are presented described information about the (V Period of Internship in Familiar Agriculture and Peasant), a result of a partnership between the Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), the Centro Sabiá, the Diaconia, the Caatinga and Projeto Dom Helder Câmara (PDHC). The accomplishment of the period of training provided to the students the exchange and the construction of primordial\_knowledge in their professional activities. It can also be affirmed, that this practical experience shows that it is possible to overcome the ways of conventional production.*

**Keywords:** Education, agroecology, professional formation.

### Introdução

O papel do estágio na formação de um educador implica no conhecimento de um mundo que não lhe é possível mostrar apenas em sala de aula, além de um espaço pertinente à realização de uma *práxis* que tem por finalidade a construção de novos conhecimentos. Sob esse aspecto, é preciso entender que nenhum educador possuirá domínio de suas práticas educativas sem que as mesmas sejam exercitadas, observadas e avaliadas. De acordo com Fazenda (1991), “o profissional que não consegue investigar questões específicas de sua área de conhecimento [...] necessariamente não terá condições de projetar seu próprio trabalho, de avaliar seu desempenho e de contribuir para a construção do conhecimento de seus educandos”.

Na área das Ciências Agrárias, o próprio perfil curricular dos cursos tornou a prática dos estágios uma reprodução pura e simples das técnicas amplamente difundidas pelo modelo de produção da Revolução Verde. Este modelo, “que se transformou no modelo básico para a mudança da

## Resumos do VI CBA e II CLAA

agricultura, contribuiu para elevar a produtividade nas propriedades e regiões onde as rendas já eram mais elevadas, mas nada conseguiu fazer para melhorar a situação dos pobres do campo” (CAPORAL e COSTABEBER, 2007). Estes autores mencionaram ainda que “... as abordagens críticas ao modelo difusionista vêm defendendo a necessidade absoluta de que a participação dos agricultores [familiares] e a valorização do conhecimento local façam parte do núcleo central das estratégias de desenvolvimento rural”.

Nesse caso, é preciso conhecer a dinâmica dos agricultores familiares, seus valores e saberes. Até porque a lógica de produção destas comunidades, nitidamente marcada por sistemas de policultivo e de subsistência, é contrária a do capitalismo que caminha no sentido oposto ao da sustentabilidade. Logo, seria impossível formar educadores voltados para o meio rural sem que os mesmos tenham essa vivência e compreensão da realidade.

Segundo Morin (2001 *apud* LUZZARDI, 2006), o processo de educação se desenvolve como educação formal, aquela que acontece nas salas de aula; educação não formal, a que corresponde ao processo desenvolvido pelos movimentos sociais; e educação informal, processo que se desenvolve basicamente no interior das famílias. Partindo desse pressuposto, é sabido que o licenciando em Ciências Agrícolas trabalhará tanto com a educação formal quanto com a não formal. Na educação não formal o profissional desenvolve atividades de extensão – como a ação de estender algo a alguém, já que, nas palavras de Freire (1983), a ação do extensionista “se dá no domínio humano e não do natural”. Ademais, a atividade extensionista não deve acontecer numa *avenida de mão única*, ao contrário, deve adquirir um significado dialógico em que a troca de conhecimentos se faz condutora do processo relacional e, portanto, numa *avenida de mão dupla e horizontal*.

A partir desta percepção, o estágio de vivência surgiu para atender as necessidades dos estudantes em vivenciar e compreender a realidade das famílias agricultoras no que concerne ao seu modo de vida e de produção, sua lógica organizativa, econômica e política, suas limitações e potencialidades e seus sonhos e angústias. Autores como Casagrande (2000), Cruciol et al. (2007), Mengel et al. (2007), Lucena, Da Silva e Azevedo (2008), Moraes, Soares e Azevedo (2008) e Souza (2008) já relataram algumas experiências que seguem essa lógica e que vem sendo desenvolvidas sistematicamente. Assim, este trabalho visa sistematizar informações a respeito do V Estágio de Vivência em Agricultura Familiar e Camponesa desenvolvido numa parceria entre a Universidade Federal Rural de Pernambuco, Centro Sabiá, Grupo Caatinga, Diaconia e Projeto Dom Helder Câmara.

### Metodologia

O V Estágio de Vivência em Agricultura Familiar e Camponesa, realizado entre os dias 14 de julho e 1º de agosto de 2008, realizou-se em três etapas, a saber: Etapa preparatória, Vivência, propriamente dita, e Socialização das Experiências.

Na primeira etapa, durante uma semana, foram ministradas palestras sobre assuntos relativos à temática da agricultura familiar e camponesa. O primeiro momento constou de uma breve explanação a respeito do histórico do estágio de vivência e do contexto das regiões onde o mesmo aconteceu – em Pernambuco: Sertão do Araripe, Vale do Pajeú, Agreste e Zona da Mata; no Rio Grande do Norte: Vale do Apodí. As palestras, que se seguiram, abordaram os seguintes temas: Agricultura familiar, Agroecologia e Transição agroecológica; Juventude e desenvolvimento agroecológico; Agroflorestas; Papel dos animais nos agroecossistemas; Participação das mulheres nos processos agroecológicos; Economia solidária; Acesso ao mercado; Terra e água para o desenvolvimento rural que queremos; Crise dos alimentos e a soberania alimentar; Programa de revitalização do São Francisco e o Programa de ação nacional de combate à

## Resumos do VI CBA e II CLAA

desertificação e mitigação dos efeitos da seca; Manejo da caatinga. Todas as palestras aconteceram no Departamento de Educação (DEd) da UFRPE, em período integral. Os ministrantes das palestras são vinculados às organizações promotoras do estágio (Centro Sabiá, Diaconia, Caatinga, Projeto Dom Helder Câmara e UFRPE) e ao Ministério do Meio Ambiente.

A vivência em campo foi realizada em oito dias e cada estudante ficou hospedado na casa de uma família de agricultores. Durante a vivência foram observados aspectos relacionados às unidades de vida (questões de gênero, geração, escolaridade, envolvimento político, etc.), de produção (plantio, criação de animais, recursos disponíveis, etc.), atividades de rotina desenvolvidas (auxílio nas atividades de produção e domésticas, etc.), entre outros.

Após o retorno da vivência os estudantes tiveram uma semana para elaboração de um relatório e no dia 1º de agosto daquele ano as experiências de cada um foram socializadas por meio de seminários que contaram com a presença de representantes das instituições parceiras e de vários agricultores que haviam hospedado os estudantes durante a vivência.

### Resultados e discussão

Todas as palestras ministradas na primeira etapa deste estágio foram importantes, destacando-se aqueles temas que puderam ser vivenciados a campo como a transição agroecológica, agricultura familiar, manejo da caatinga, acesso a água, o papel dos animais nos agroecossistemas da agricultura familiar, participação das mulheres nos processos agroecológicos e economia solidária.

Um dos fatores marcantes dessa experiência foi a comprovação de que realmente existe um saber local, passado por gerações, mas que não é encontrado nos livros. Esse saber, juntamente com o saber acadêmico poderá resultar num conhecimento capaz de (re)orientar a agricultura no sentido de um desenvolvimento rural sustentável. Um pequeno exemplo disso foi a prática de manejo da vegetação da caatinga numa das propriedades, em que o agricultor passou a desenvolver o desbaste, ou seja, o corte selecionado dos galhos das árvores para uso da família, sem contudo comprometer a manutenção e o aproveitamento futuro das espécies.

Com a experiência no estágio de vivência desvelou-se um outro aspecto também importante no processo formativo do educando em Ciência Agrícolas, enquanto agente de mudança ou sujeito atuante na transformação da sociedade, na medida em que, antes de tudo, vivenciou-se a realidade concreta do agricultor para compreender sua lógica e seu modo de ver e fazer o mundo. Nesta perspectiva, por certo o diálogo junto à família agricultora possibilitou a troca, a construção e a consolidação de conhecimentos sobre a lógica de vida e produtiva da agricultura familiar com base agroecológica, raramente vistos na literatura e/ou em sala de aula.

### Conclusões

A prática da vivência tornou possível a percepção de que a superação do modo de produção convencional é possível, haja vista, o êxito das experiências observadas fundamentadas nos princípios da Agroecologia.

A realização do estágio de vivência oportunizou aos estudantes – a partir dessa experiência – a troca e a construção de conhecimentos primordiais em suas atividades profissionais, como exemplo, é possível citar a importância da biodiversidade para a manutenção do equilíbrio nos agroecossistemas, questão bastante comentada, em detalhes, mas de forma simples, pelo agricultor.

A experiência culminou num elevado grau de consciência e reflexão crítica a cerca do modo de

## Resumos do VI CBA e II CLAA

vida e de produção dos agricultores familiares que percebem a terra, as plantas, os animais e a eles próprios como partes interdependentes de um único sistema. A compreensão deste entendimento holístico sobre a agricultura familiar foi de fundamental importância para a formação dos licenciandos em Ciências Agrícolas.

### Referências

CASAGRANDE, N. *O papel do estágio de vivência para a formação universitária*: discutindo a partir da experiência concreta. [2000]. Faculdade de educação da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <[http://www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital/textos/466.htm](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/466.htm)>. Acesso em: 4 out. 2008.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. In: *Agroecologia e Extensão Rural*: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Brasília, 2007 p.79-94.

CRUCIOL J.H. et al. Estágio de vivência em assentamento de reforma agrária a partir do programa de residência agrária – experiência no assentamento Laudenor de Souza (SP). In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45, 2007. Londrina. *Anais...* Londrina: SOBER, 2007. Disponível em: <[www.sober.org.br/palestra/6/576.pdf](http://www.sober.org.br/palestra/6/576.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2009.

FAZENDA, I.C.A. O papel do estágio nos cursos de formação de professores. In: PICONEZ, S.C.B.(Org.). *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. 15. Ed. Campinas: Papirus, 2008. FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

LUCENA, E.A.; DA SILVA, B.R.; AZEVEDO, E.O. Estágio de vivência em agricultura familiar no município de Santa Cruz da Venerada – Pernambuco. In: ENCONTRO DO CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL, 3., 2008, Patos. *Anais...* Patos: Centro de Saúde e Tecnologia Rural, 2008. Disponível em: <[http://www.cstr.ufcg.edu.br/extensao/anais\\_evento/artigos/educacao/estag\\_vivev\\_agric\\_familiar.pdf](http://www.cstr.ufcg.edu.br/extensao/anais_evento/artigos/educacao/estag_vivev_agric_familiar.pdf)>. Acesso em: 5 mai. 2009.

LUZZARDI, R.E.S. Educação ambiental e agroecologia: perspectivas para uma nova extensão rural. *Educação Ambiental em Ação*. 2006. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=417&class=20>>. Acesso em: 11 mai. 2009.

MENGEL, A.A. et al. Estágios interdisciplinares de vivência (eiv's): contribuição à mudança de paradigma na agricultura. *Revista Brasileira de Agroecologia*, Porto Alegre, v.2, n.2, p.232-236, 2007.

MORAIS, R.K.O.; SOARES, F.G.; AZEVEDO E.O. Água Branca: uma vivência na agroecologia. In: ENCONTRO DO CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL, 3., 2008, Patos. *Anais...* Patos: Centro de Saúde e Tecnologia Rural, 2008. Disponível em: <[http://www.cstr.ufcg.edu.br/extensao/anais\\_evento/artigos/educacao/agua\\_branca\\_viv\\_agroec.pdf](http://www.cstr.ufcg.edu.br/extensao/anais_evento/artigos/educacao/agua_branca_viv_agroec.pdf)>. Acesso em: 5 mai. 2009.

SOUZA, G.S.C. et al. Estágio de vivência em agricultura familiar e camponesa: um espaço de troca de conhecimento. In: JORNADA DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO, 8. 2008, Recife. *Anais...* Recife: JEPEX, 2008. CD-ROM.